

**Elisa Nunes Esteves e João Tiago Lima (orgs.). Vergílio Ferreira –  
Maria Lúcia Dal Farra. Correspondência. Lisboa: Âncora Editora,  
2019.**

*Ana Luísa Vilela<sup>1</sup>*

Entre outubro de 1968 e janeiro de 1983, Maria Lúcia Dal Farra e Vergílio Ferreira trocaram 63 cartas. Entre a jovem investigadora brasileira e o escritor português já consagrado estabeleceu-se, ao longo de cerca de quinze anos, um diálogo epistolar particularmente vivo. Conhecê-lo é comungar da cumplicidade entre ambos, mas também empreender uma viagem sujeita à imprevisibilidade da sua amizade turbulenta.

Surge agora a lume este diálogo, reconstituído, organizado e editado por dois professores da Universidade de Évora: Elisa Nunes Esteves, docente de Literatura Portuguesa, que, sendo especialista de literatura portuguesa medieval e clássica, é uma das mais atentas e informadas leitoras da literatura contemporânea de todas as épocas; e João Tiago Lima, professor de Filosofia, coordenador do Grupo de Trabalho Vergílio Ferreira e editor das *Obras Completas* de Eduardo Lourenço, o que testemunha do seu gosto pelas zonas de convergência entre a Filosofia e a Literatura.

Sendo totalmente dispensável salientar a importância de Vergílio Ferreira na história literária do século XX, cumpre assinalar que ele é a grande figura tutelar da literatura na universidade alentejana, em cujo edifício lecionou na década de 1950 e onde terá escrito *Aparição*, um dos seus mais conhecidos e mais amados romances. Instituído há décadas, o prémio Vergílio Ferreira da Universidade de Évora distingue anualmente um ensaísta ou um ficcionista de língua portuguesa – assim o colocando sob a égide de Vergílio.

---

<sup>1</sup> Docente de Literatura Portuguesa na Universidade de Évora (Escola de Ciências Sociais/ Departamento de Linguística e Literaturas).



Maria Lúcia Dal Farra é, hoje, professora universitária de enorme prestígio internacional, escritora, pianista e poeta premiada. Grande paladina da promoção da literatura portuguesa no Brasil (na USP e na UNICAMP), conhece como ninguém obras tão portentosas como as de Vergílio Ferreira, Herberto Helder e Florbela Espanca, sobre as quais escreveu obras de valor seminal. Generosamente, doou recentemente à Universidade de Évora as suas valiosas cartas de Vergílio Ferreira, permitindo assim este trabalho. As correspondentes missivas de Maria Lúcia, propriedade da Biblioteca Nacional e integrantes do espólio do escritor, foram obtidas pelos editores numa feliz transação bibliográfica, que permitiu a reconstituição integral da correspondência

Esta parlenda escrita entre dois escritores e professores, Maria Lúcia e Vergílio, editada por outros dois professores, constitui assim um diálogo duplicado por outro, muitos anos depois, numa conversa virtualmente interminável, em que todos se leem uns aos outros, e escrevem uns sobre os outros. Uma conversa em que todos os leitores podem e devem entrar.

É manuscrita a maioria dos originais das cartas que aqui são transcritas. Decifrar a letra dos dois correspondentes não terá sido tarefa fácil. E, de resto, disso amiúde se queixam reciprocamente os dois correspondentes. Vergílio tem uma letra miudinha, poupadinha, rápida e corredia como a sombra, e explicitamente considera a sua uma “letrinha somítica”; mas o mesmo Vergílio protesta muitas vezes contra a letra “hieroglífica” de Maria Lúcia. Esta, por sua vez, parece detestar dactilografar as suas cartas, como se a sua escrita, realmente diabólica, e um pouco ofegante, melhor lhe traduzisse materialmente a torrente mental.

Numa sóbria, mas saborosa, nota final ao volume, os organizadores fazem um pouco a história desta obra. Trata-se de uma interlocução estendida num arco temporal que abrange uma época particularmente marcante na vida dos dois protagonistas, assim como na dos respetivos países.

Em Portugal, trata-se da situação político-cultural vivida antes e imediatamente depois da revolução de 25 de abril de 1974. Pelas cartas, certificamo-nos de que Vergílio Ferreira viveu a agitação desses anos com ansiedade, desconfiança febril, alguma esperança e bastante pessimismo. Esses anos correspondem, em Vergílio, à fase imediatamente anterior ao início daquela que podemos chamar a última fase da sua criação literária, marcada pela plena e pujante maturidade, o apuramento e a sofisticação temática e a plena autonomia formal. Será a época de *Para Sempre* (1983), de *Até ao Fim* (1987), *Em Nome da Terra* (1990), *Na Tua Face* (1993) e *Cartas a Sandra* (póstumo). Se costumamos apontar nesta fase a limpidez das reflexões mais depuradas sobre a arte, sobre as fragilidades da condição humana, sobre a vivência material do tempo e da certeza da morte, não são menos importantes os temas da relação entre um sujeito radical e ontologicamente só, e os outros, os que o sabem ler e que nele intimamente se reconhecem. É curioso perceber que, no pré-lançamento desta fase, e enquanto longamente o escritor se encontrava numa espécie de gestação do seu melhor período criativo – uma gestação

rabugenta, como sempre em Vergílio – pôde contar com o acicate imprevisto de uma leitora vibrante, depois amiga cúmplice, dotada da estatura crítica e afetiva da jovem Maria Lúcia Dal Farra.

No Brasil, o período entre 1968 e 1983 é a época da ditadura, após o golpe militar de 1964, lançado sob pretexto de combater a violência e a corrupção, e que instaurou a censura e a perseguição política e cultural. É a época também da vagarosa, gradual reinstalação da democracia no país. As cartas de Maria Lúcia, incluindo a carta-prefácio escrito propositadamente para este livro, constituem, portanto, um documento particularmente expressivo do modo como a limitação e a repressão cultural desses anos foi vivida por uma académica ativa, uma intelectual rebelde, e uma mulher muito senhora do seu nariz.

Assiste o leitor e, insensivelmente, ele mesmo se implica no jogo intersubjetivo entre os temperamentos de ambos os correspondentes – eles próprios locutores ativos e reativos, criadores e críticos, autores e decifradores. Com uma espécie de voyeurismo intelectual, testemunha a nada convencional empatia que entre ambos se estabelece.

Maria Lúcia tem 24 anos em 1968, quando escreve a primeira carta a Vergílio; ele tem 52 anos. Tornam-se amigos apenas um ano depois de iniciarem a correspondência, quando a jovem mestrande adquire junto do sisudo escritor a devida respeitabilidade intelectual. “Conquista difícil”, a de Vergílio Ferreira? Apesar dos 28 anos que os separam, começam a tratar-se por “tu” depois de se terem conhecido e convivido pessoalmente em Lisboa, dois ou três anos depois de encetarem a correspondência.

Falando de si própria, diz a certa altura Maria Lúcia Vergílio: “isto realmente parece uma biografia”. Na verdade, estas cartas constituem uma esplêndida narrativa, até certo ponto romanesca, com personagens, ação, peripécias, contratempos e demoras, contexto histórico-social e cultural alargado e diverso, conflitos, desenlaces, recriminações caturras e, sempre, um enorme respeito mútuo, absolutamente compatível com a sem-cerimónia com que se tratam.

A pouco e pouco, vai o leitor progredindo no seu íntimo e privilegiado conhecimento das personagens. Do início até ao fim, ela revela-se mais pessoal, mais emotiva e mais veemente; ele é mais contido, mais formal, inicialmente cauteloso ou mesmo desconfiado. Maria Lúcia, voluntariamente incapaz de sustentar a sua energia afetiva e intelectual, tem uma espontaneidade que, confessa, é quase ingénua, mas cujo motor é o seu entendimento profundo, orgânico, da obra de Vergílio. E acaba talvez por contagiar o escritor, que se torna mais íntimo, mais confessional até. De tal modo que, em 1973, é já Vergílio que a busca e interpela, por vezes ao seu modo inocentemente agreste. E reivindica: “sou muito teu amigo”, confessando: “irmanado a ti, te sinto os êxitos como meus”. Mas ambos se apontam mutuamente reações mais intempestivas ou menos hábeis, ferindo-se por vezes as respetivas suscetibilidades, aliás abertamente assumidas e jamais dramatizadas. Se Vergílio lhe nota “desarranjos emotivos”, Maria Lúcia define-se como uma “falsa temperamental”. E nenhum abdica de si próprio.

Talvez por contraste, a irrequieta energia de Maria Lúcia poderá ter funcionado como um estímulo inesperado para Vergílio Ferreira, numa época em que ele afirma sentir-se já “póstumo”, fixado ou petrificado na obra feita, que é para ele uma vitória nostálgica, como a saudade de um tempo inicial, de um ímpeto, de uma inquietação fundadora.

Já o romancista parece ter constituído uma espécie de operador de autognose para Maria Lúcia, que nele instintivamente se reconhece. A convergência é por vezes tão afinada que não temos nenhuma dificuldade em imaginar Maria Lúcia como uma jovem personagem vergiliana. Ela mesma aponta as suas afinidades com personagens como Sofia ou Ana, elas próprias projeções figurativas do autor. Como elas, Maria Lúcia revela-se excessivamente lúcida e dona de uma irreprimível energia, em que a rebeldia é uma espécie de firme fidelidade a si própria e à sua liberdade pessoal, a que nunca renunciou.

Vai o leitor igualmente compreendendo os temas que agitam, preocupam e interessam ambas as personagens: as leituras recíprocas, a experiência da criação, o trabalho por vezes avassalador, as informações editoriais, os acidentes rodoviários graves que atingem os dois locutores e as respetivas longas recuperações que lhes garantem, no dizer de Vergílio, “um suplemento de biografia”.

Não estando sempre de acordo, ambos convergem na sua veneração pelo primado da Arte e da Literatura sobre a ideologia, e pela sua liberdade inalienável. Ambos valorizam, sobretudo, o impulso e a busca, o desassossego e até o erro, na busca da expressão justa. Nas cartas, Vergílio é por vezes aforístico e até lapidar (quando por exemplo diz: “Prefiro um erro fértil a uma verdade estéril” – Carta nº 10). Por isso não se coíbem de se corrigir, a si mesmos e um ao outro, recusando alojar-se na complacência. Ambos preferem uma energia negativa, algo agreste também, que é uma recusa da acomodação e da rigidez (da “bustificação”).

O problema da decifração das letras de cada um dos correspondentes é talvez a metáfora material das mútuas arestas temperamentais e da sua difícil, mas sempre empenhada, engrenagem recíproca. Esta é uma história cheia de ruídos e de alguma ansiedade. Outros ruídos são causados pelos atrasos e transvios dos correios e das comunicações, ou os ressentimentos e azedumes político-literários, notórios sobretudo por parte de Vergílio. É uma história de derrotas e vitórias, de desejos e projetos, alguns fracassados, outros com reviravoltas inesperadas. Nada, afinal, que espante Vergílio, que a dada altura confessa a Maria Lúcia: “a minha aventura de escriba tem sido feita aos tropeções” (carta nº 53, janeiro 1978).

Na verdade, esta é a história de uma relação epistolográfica e pessoal, como a que Vergílio fleumaticamente – e profeticamente – descreve na última carta, a nº 63: “De vez em quando, um ou outro dos correspondentes dá por finda a cavaqueira. De modo que cheguei à conclusão de que as coisas são assim mesmo, como a verdade e as civilizações”. A epistolografia entre Maria Lúcia Dal Farra e Vergílio Ferreira, aqui contida em 15 anos, é uma história cheia de lacunas mais ou menos inexplicáveis, de pausas que são como esquecimentos momentâneos, e que não

interrompem o fluxo afetivo e intelectual entre ambos os locutores. É, evidentemente, uma história inacabada, com mistérios e hiatos, pontas soltas, equívocos e silêncios.

O efeito deste livro, provavelmente em todos os leitores, é o da diluição da distância entre leitor e autor, como uma espécie de secreta participação de quem lê no lado de “dentro” do texto, por uma funda sintonia com a sua respiração e com a sua essencial verdade ontológica. Este efeito é afinal semelhante aos que o grande Paul Zhumtor assinala nos romances de Vergílio – e que ele gostosamente repete a Maria Lúcia, a quem aliás reconhece dever um leitor tão qualificado.

Aquilo que esta obra, como as outras, “não sabe”, aquilo que ela convoca e aciona, é justamente a interlocução permanente que representa, na sua dinâmica, instigante, ansiosa incompletude de leitura. Ela “não sabe” que transporta esse princípio ativo que é a sua disponibilidade incessante, a sua truculência e também essa espécie de inocência, tão próprias de Maria Lúcia, mas também, a seu modo, de Vergílio.

E, assim, este livro é também uma deliciosa experiência de autoconhecimento mútuo, captada pelo leitor no seu próprio movimento de produzir-se, apresentando-se em cada carta como, ao mesmo tempo, um testemunho da verdade de cada um dos autores e do seu próprio desejo de ser profundamente entendido. Cada carta é como um balanço, uma síntese existencial; mas é também um apelo e um relançamento infinito. Assim seja.